



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE PORTO NACIONAL  
CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS

**GISELE BENTO DE ARAUJO**

**HIPER SEXUALIZAÇÃO DOS CORPOS NEGROS NA  
LITERATURA BRASILEIRA**  
HERANÇA RACISTA NA CONTEMPORANEIDADE

PORTO NACIONAL/TO  
2022

**GISELE BENTO DE ARAUJO**

**HIPERSEXUALIZAÇÃO DOS CORPOS NEGROS NA  
LITERATURA BRASILEIRA  
HERANÇA RACISTA NA CONTEMPORANEIDADE**

Artigo foi avaliada (o) e apresentada (o) à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de Letras-Português para obtenção do título de <....> e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador<a>: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria da Glória de Castro Azevedo- UFT

PORTO NACIONAL/TO  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

A663h Araujo, Gisele Bento de Araujo.  
Hiper sexualização dos corpos negros na literatura brasileira: herança racista na contemporaneidade. / Gisele Bento de Araujo Araujo. – Porto Nacional, TO, 2022.  
20 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, 2022.

Orientadora : Maria da Glória de Castro Azevedo

1. Literatura. 2. Racismo. 3. Sexualização do corpo preto. 4. Cultura patriarcal. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

# FOLHA DE APROVAÇÃO


**GISELE BENTO DE ARAUJO**

## **HIPER SEXUALIZAÇÃO DOS CORPOS NEGROS NA LITERATURA BRASILEIRA HERANÇA RACISTA NA CONTEMPORANEIDADE**

Artigo foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins- Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de Letras-Português para obtenção do título de Licenciada em Letras e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora. Orientadora: Profa. Dra. Maria da Glória de Castro Azevedo.


Data de aprovação: 29 / 09/ 2022

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 **MARIA DA GLORIA DE CASTRO AZEVEDO**  
Data: 25/06/2024 17:07:34-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria da Glória de Castro Azevedo- UFT  
Orientadora

Documento assinado digitalmente  
 **VIVIANE CRISTINA OLIVEIRA**  
Data: 25/06/2024 12:07:00-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Viviane Cristina Oliveira- UFT  
Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente  
 **LYANNA COSTA CARVALHO**  
Data: 25/06/2024 15:58:52-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Lyanna Costa Carvalho- UFT  
Banca Examinadora

Porto Nacional, 2022

*Foi pensando nas mulheres em especial as pretas que executei este projeto, por isso dedico este trabalho a todas aquelas a quem esta pesquisa possa ajudar de alguma forma.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço por cada aborrecimento da vida, pois foram eles que me fizeram prosseguir e são eles que vão deixar a minha vitória mais fascinante. Gratidão a Deus pela dádiva da vida e por colocar amigos no meu caminho durante essa trajetória. Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, minha orientadora, professores e colegas. Grata a todas as pessoas que fizeram parte da minha caminhada até aqui, as que resolveram partir e as que tiveram motivos para ficar. Grata universo.

## RESUMO

Este artigo pretende demonstrar como ocorre a objetificação do corpo negro na literatura brasileira a partir da leitura do conto Nkala: um relato de bravura, que faz parte da coleção do livro, O tapete voador. Levando em consideração o histórico racista e a objetificação do corpo feminino feito pelo colonialismo europeu. O conto analisado reflete a representação do afro descendente desde a época na sociedade contemporânea e proporciona debater a posição da população negra na sociedade brasileira, denunciando o racismo estrutural e como os corpos negros são tratados como corpo /objetos descartáveis de consumo. Nesse sentido, faremos a literatura dialogar com questões sociais, pois consideramos que a obra literária apresenta características que denunciam a cultura patriarcal, racista e de subalternidade para o povo negro. Para realizar essa análise será necessário operar os conceitos teóricos para firmar levantamento dos fatos sociais questionados na obra, são eles: Ribeiro (2022), Ribeiro (2013), Carneiro (2022) Duarte (2008).

**Palavras-chaves:** Literatura; Racismo; Sexualização do corpo preto; Cultura patriarcal.

## ABSTRACT

This article intends to demonstrate how the objectification of the black body occurs in Brazilian literature from the reading of the short story *Nkala: um relato de bravura*, which is part of the collection of the book, *The flying carpet*. Taking into account the racist history and objectification of the female body made by European colonialism. The analyzed tale reflects the representation of Afro-descendants since that time in contemporary society and provides a debate on the position of the black population in Brazilian society, denouncing structural racism and how black bodies are treated as disposable bodies/consumer objects. In this sense, we will make literature dialogue with social issues, as we consider that the literary work has characteristics that denounce the patriarchal, racist and subaltern culture for black people. To carry out this analysis, it will be necessary to operate the theoretical concepts to establish a survey of the social facts questioned in the work, they are: Ribeiro (2022) Ribeiro (2013), Carneiro (2022) Duarte (2008).

3

**Key-words:** Literature; Racism; sexualization of the black body; Patriarchal culture.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 HERANÇA RACISTA DO COLONIALISMO EUROPEU .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Erotização do corpo negro na literatura brasileira .....</b>	<b>15</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão quanto à construção social dos corpos pretos como um corpo erotizado e público, objeto descartável para consumo de uma sociedade racista. O estudo será feito por meio da análise do conto, *Nkla*: um relato de bravura, que faz parte da obra, *O tapete voador*, escrito por Cristiane Sobral (2016), para apontar a sexualização da negritude, a visibilidade dos brancos e a solidão afetiva da mulher preta.

Por meio de análise de Literaturas brasileiras, firmarei os vestígios da objetificação do corpo negro no Brasil. Diante a isso, o texto reitera o olhar social de domínio sobre os corpos pretos e racismo. Analisando algumas obras literárias e recapitulação do processo colonial patriotismo no Brasil. No mais, o texto aborda o corpo preto como corpo público desde os séculos XVIII, XIX E XX seguindo até a contemporaneidade. Mediante estudos do colonialismo que é cercado de violência, hiper sexualização, racismo e diversos crimes contra a comunidade negra.

A escolha do tema se deu pelas minhas vivências como mulher preta na contemporaneidade brasileira. A realidade cruel que vivencio todos os dias me fez levantar questionamentos e trazer ao público como é ser mulher preta nesse país. Depois de ser abordada várias e várias vezes por um homem branco no meu ambiente de trabalho que dizia estar procurando uma mulher como eu, que aguentava dar um "trato" (sexo) nele. A partir disso, surgiram sentimento de indignação que me fizeram escolher esse tema. Outro aspecto são as relações ativas: sou vista com outro olhar por homens, em especial os brancos, olhar que só remetem ao sexo sem compromisso, olhar esse de que não sirvo para ser namorada ou esposa, mas apenas para suprir suas necessidades libidinosas e machistas.

Nas redes sociais é o que acontece, pessoas do sexo masculino se dirigindo a minha pessoa com total falta de respeito, me classificando como uma mulher que possa satisfazer seus desejos sexuais. O sentimento é aterrorizante, às vezes me questiono por não conseguir responder à altura, mas apenas me calar e fingir que nunca li certas mensagens.

Contudo, trouxe a minha realidade e de outras pretas para retificar que o olhar branco presente nas narrativas dos séculos anteriores ao nosso ainda se faz presente nos dias de hoje. Essa pesquisa bibliográfica dialoga com os textos literários com a realidade social e racista, que objetifica corpos negros como presas fáceis. É de suma importância essa temática para estudos

literários, uma vez que é necessário abordar esse olhar crítico social apresentado nas obras e ponderar os leitores das raízes colonialistas vigentes na atualidade.

A discussão se divide em seções. Na primeira seção, trata-se do colonialismo europeu e suas consequências, como levantamento do racismo existente na sociedade direcionado à população negra. No segundo momento, trata-se da objetificação do corpo afro descendente como objeto de consumo do branco e solidão no mundo contemporâneo com ênfase no sexo feminino.

## 2 HERANÇA RACISTA DO COLONIALISMO EUROPEU

O colonialismo europeu trouxe para o Brasil a escravidão de homens e mulheres traficados do continente africano. Esse processo de escravidão durou mais de três séculos e deixou enormes sequelas sociais, econômicas, culturais e de gênero que perduram ainda hoje em nosso país. A construção política e cultural em torno do corpo preto, e em especial, o corpo feminino, vem, desde o início da escravidão aqui no Brasil, marcada por questões sexuais. O corpo da mulher negra poderia pertencer a qualquer homem branco: sua força de trabalho, seu sexo, seus seios e seu leite materno, seu ventre, tudo no corpo preto feminino destinava-se ao usufruto dos corpos brancos.

Segundo Ana Guerra Ribeiro (2022), o Brasil foi o último país a aderir ao fim da escravidão, tendo o período escravocrata pendurado por tanto tempo devido às divergências políticas e a ganância da elite financeira da colônia e depois da monarquia brasileira, vivíamos em uma sociedade burguesa que defendia permanência do servilismo escravo para crescimento de suas riquezas. No século XIX, a sociedade patriarcal reinava com ar de superioridade contra os menos favorecidos e a população era cercada de modelos e regras a seguir, portanto a comunidade negra era fora dos padrões propostos, mas com deveres de servir os brancos autodenominados proprietários do povo preto escravizado. A cultura, a estrutura política e social da época menosprezava os corpos negros, sendo o racismo naturalizado e institucionalizado.

O colonialismo trouxe vivências escravocratas, trabalhos escravos, torturas, fome e violência sexual contra mulheres negras que eram obrigadas a servir os desejos sexuais dos então “senhores”. A partir desse período surge o olhar imoral direcionado aos corpos pretos como produto erótico.

O processo colonizador europeu é marcado pela interpretação de que o Brasil é um território sexual onde as mulheres se colocam de maneira sensual e com atos carnavais comuns e imorais à igreja. No entanto, essa construção sexista recai mais sobre a população mestiça, negra e indígenas. Segundo Fernando Bessa Ribeiro (2013), os únicos corpos que tinham proteção eram os brancos, enquanto que aos outros, tudo lhe era permitido fazer.

Os segundos, impregnados de um eurocentrismo racialista e movidos pelo interesse erótico e material nas mulheres locais, em contramão aos discursos disciplinadores dos clérigos da Igreja católica, tendiam a considerar como verdadeira ofensa a Deus apenas a transgressão sexual cometida com brancas (as europeias), não havendo lugar para pecado quando se tratava de indígenas

ou negras (VAINFAS, 1988). É nesse jogo de forças entre as tentativas de imposição dos preceitos cristãos e as práticas sexuais locais isentas de amarras morais e os desejos eróticos e ímpetos de povoamento do colonizador que emerge uma cultura sexual marcada pela ambiguidade. (RIBEIRO. 2013, p.220)

Percebe-se como se enfatiza traços racistas que fazem da mulher preta objeto público e de consumo dos brancos europeus, uma vez que, a igreja designa como violação à doutrina apenas ações sexuais praticadas por damas de pele clara, (europeias) tornando comum o ato de sexualização negra e indígena. É possível, aqui, atentar como a problemática de violação contra os corpos pretos é um preceito infeliz que segue até a contemporaneidade. O Brasil é um país com altas conotações de erotismo, porém, vale lembrar que não é apenas a erotização feminina, mas a erotização de uma etnia específica: as mulheres pretas.

O Brasil moderno ainda carrega vestígios da cultura colonialista, o pensamento branco eurocêntrico e machista persiste em relação à pele negra. “Nesse processo, alguns dos principais elementos iconográficos mobilizados para formar o discurso identitário do Brasil são: a mulata, a praia e o samba.” (RIBEIRO. 2013, p.224). Por fim, as curvas e sensualidade da mulher preta são escancaradas ao mundo como forma de alavancar a economia do país trazendo mais visitantes estrangeiros, pois o Brasil é conhecido mundialmente por suas mulheres. Porém, são as pretas que assistem sua identidade ser coletivizada e erotizada para homens brancos.

Desse modo, torna-se um objeto público a ser julgado e exposto exclusivamente com um intuito: o sexual, a presa fácil, a mulher que deve servir os desejos libidinoso do sexo masculino, sendo assim inadequada para casar.

Ao pensarmos sobre heranças racistas pós-colonialistas, percebe-se que o Brasil é constituído de leis, valores e política de brancos. Segundo os dados de pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) 56% da população brasileira são negros auto declarados, mas somente 18,1% possuem uma formação profissional que atua na área do poder judiciário. Do total de 18,1% das vagas ocupadas de magistrados, as brasileiras (pretas) exercem simplesmente 6%. Esse percentual não corresponde exclusivamente a números, mas tal qual evidencia o racismo estrutural, evidencia a luta cotidiana do direito à igualdade, evidência que a democracia não existe para todos e que no Brasil o tom da pele determina profissão e classe social.

Ao discorrer sobre o racismo, Sueli Carneiro afirma que

Em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população

em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira. (CARNEIRO, p.02 2022)

Nessa circunstância, a autora certifica-se de que a luta diária da mulher preta não se resume unicamente na conquista por direitos igualitários ao masculino, é algo mais complexo e se estende ao fim da injustiça racial e da hiper sexualização da mulher negra. Esse tipo de discriminação posiciona a mulher negra na subalternidade, categoriza lados oposto do sexo feminino, ou seja, mulher negra não possui os mesmos privilégios das mulheres brancas, quando se leva em consideração que a maioria ocupa cargos de trabalho inferior, com boa parte das mulheres negras prestando serviços domésticos para as mulheres de pele clara. Sendo assim, ocupam profissões subalternas com salários baixos. Fatos esses recorrentes históricos culturais que ainda seguem cravados na modernidade.

Esses valores subalternos provocam consequências violentas ao povo preto como: serem vítimas de crimes raciais, disputa por direitos e inclusão democrática, respeito e igualdade. Essa luta histórica do povo preto, vem sendo retratada pelo cinema e pela literatura. Em 2016, a obra cinematográfica *“Estrelas além do tempo”* dirigida por Theodore Melfi, foi indicada ao Oscar chamando atenção de um mercado majoritariamente excludente e racista. O filme narra a história de três cientistas negras que trabalham na Nasa durante a guerra fria entre os Estados Unidos e a Rússia nos anos 60, as protagonistas traçam uma guerra por igualdade social, educação e reconhecimento profissional, negado pelos brancos. Pertencentes a uma sociedade de valores brancos, machistas e racistas, em que a população negra vive em províncias separadas dos brancos, ônibus separados, banheiros, escolas e setores de trabalho, as amigas resistem às humilhações e tratamento de inferioridade. O enredo retrata sentimento de tristeza, solidão, mão de obra barata, uma vez que uma das personagens exercia funções de cargo chefe, porém a remuneração era inadequada. Por terem pele preta, a inteligência das cientistas era considerada duvidosa e até inaceitável.

Mesmo sendo uma história baseada na vida real e que se passa na EUA, adequa-se à problemática brasileira, quando se trata do racismo estrutural e das questões de gênero. As mulheres negras atuais ainda carregam o peso da discriminação dos brancos sendo o acesso à educação, ao trabalho e saúde ainda persistem distintos do acesso da comunidade branca.

Ainda no que diz respeito aos vestígios deixados pelo colonialismo europeu, em que o preto está na condição de servir e o branco na posição de receber as honras, recentemente, no programa “*É de casa*”, apresentado nos sábados na *TV globo*, a apresentadora “*Talitha Morete*” cometeu um ato de racismo estrutural, uma cena típica do que chamamos de casa grande e senzala.

Durante o programa, a apresentadora falou: “*Cilene*”, a dona da cocada, vai fazer as honras da casa, vai servir todo mundo Cilene” (TV GLOBO, 2022), esse episódio mostra bem como as mulheres pretas ainda são vistas nos meios culturais. Tranquilamente, em um programa de TV nacional a apresentadora se refere a única convidada negra para não fazer desfeita e servir a todos, isso traz à tona o pensamento escravocrata perante século XXI.

A cultura brasileira é racista e existem várias “*Celenes*” no Brasil que vivenciam esse tipo de absurdo e desrespeito, mas que não fazem ideia pela falta de conhecimento e acreditam ser algo normal. São questões que devem ser pautadas pelos governantes, essa cultura racista deve ser banida. Devem ser criadas campanhas com informações e repúdio em respeito à comunidade negra. Nas escolas, adotar disciplinas específicas aos afros descendentes, inserir educação antirracista, os alunos devem ter acesso a literatura afro-brasileira para conhecerem o histórico e consequências de ações preconceituosas. O sistema jurídico brasileiro deve ser reformado e pensar na injustiça sofrida, pelas mortes e tratamentos diferenciados de acordo com a cor da pele, com isso deve haver leis que garantem a igualdade e respeito. Leis que realmente punam quem pratica injúria racial, não a lei falha, levando-se em conta a problemática da constituição brasileira.

## **2.1 Erotização do corpo negro na literatura brasileira**

Conforme Eduardo de Assis Duarte (2008), na atualidade, a literatura afro brasileira passa por um processo de suma importância e descobrimento, e vem fazendo parte de estudos e pesquisas, diversificando os estudos culturais e literários com textos que refletem históricos sociais e motivam o leitor a observar as estruturas de poder e de exclusão de nossa sociedade. “A literatura de autoria negra pode contemplar o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas consequências ou ir até à glorificação de heróis como Zumbi e Ganga Zumba.” (DUARTE, pg.13, 2008).

Por fim, a literatura tem o poder de resgatar costumes sociais pedidos no decorrer do anos, vivências da antiguidade e lendas, além de denunciar ações inadequadas em termos

políticos e garantir os direitos humanos. Assim sendo, as escritas literárias vão adiante do imaginário e melancólico, entretanto exibem a realidade e comportamento social.

Evidenciando denúncias na literatura brasileira apresento o conto *Nkala: um relato de bravura* "O tapete voador", de Cristiane Sobral,. A narrativa conta a história de Nkala, uma princesa que teve a vida roubada com a invasão de sua aldeia africana. A menina vivia de forma livre e intensa até a chegada dos traficantes europeus que ceifaram a vida do seu povo e tiraram o direito ao livre arbítrio com correntes que pressionavam não só o físico, como também almas.

O navio prisão arrastou-se pelo Atlântico. Nkala, assim como tantos outros, foi atirada no porão, onde sentiu a dor da separação da família amada, viu amigos morrendo na travessia, outros atirados ao mar. A fome e as correntes paralisavam, mas por ali não viu nem sombra da submissão. Houve rebelião naquele porão infecto, onde não jorrou apenas o sangue negro. Para sobreviver, Nkala alimentou-se de suas lembranças mantendo em estado de alerta sua alma assustada. (SOBRAL, 2016, p.31)

Conforme descreve a autora, a narrativa rememora o processo desumano do colonialismo europeu, que dominou terras, destruiu lares e disseminou escravidão. Contudo, vidas pretas eram sem valia e atiradas nas águas marítimas durante as jornadas. Os africanos resistiam à dominação dos seus corpos, mas em troca seus sangues escorriam na imundice do pequeno espaço do navio, calabouço.

Os dias eram horrorizantes, dor, fome, tortura passaram fazer parte do povo originário da África. A história de resistência da personagem manifesta a violação e poder dos brancos contra a comunidade negra, como também a profanidade que abusa do corpo feminino negro a chamada violação colonial por homens brancos a mulheres pretas

Nkala Nunca havia sido chamada de escrava, e percebeu que, ali todos foram, sem distinção, subtraídos de sua condição humana. Com crueldade, examinados pelas mãos imundas e criminosas dos europeus. Seu corpo nunca havia sido tocado pelas mãos de um homem, exceto o seu pai. Percebeu, horrorizada, que eram tratados e conferidos como se fossem objetos. (SOBRAL, 2016, p.32).

Em concordância com Sobral (2016) os contornos da cultura sexista em que o principal foco são as negras devido contexto histórico escravocrata cujo afrodescendentes eram violentadas cruelmente. A exploração dos corpos negro não ficou no passado, o domínio e subordinação ainda impera na sociedade atual. O trecho do conto acima, chama a atenção pela descrição em que o corpo feminino negro é tocado de maneira objetificada, pública e desrespeitosa sem consentimento da menina. É possível constatar sentimento de pavor, repúdio, revolta e tristeza. Relacionando a vida atual das mulheres pretas no país do erotismo que é o



Brasil, percebe-se que todos os dias uma preta enfrenta transtornos com assédio, seja no trabalho, no ônibus, nas ruas ou em qualquer lugar público, tem que lidar com mãos bobas, olhares, vocabulários ofensivos e repugnantes.

O processo colonial além de escravista racial é também étnico-racial, pois os colonizadores portugueses tinham uma visão de supremacia, quando se comparavam aos negros. Os estereótipos racistas persistem até os dias atuais: a visão do preto não em condição de prisioneiro e produto escravocrata como antes de abolir a escravidão, mas é posto no posicionamento da prostituição, objeto que deve ser julgado, apalpado, tornando um produto a ser explorado, consumido e descartado. Vale frisar o conceito vigente no racismo estrutural em que coloca o preto como indivíduo que tem capacidade intelectual duvidosa, pessoas que só podem ocupar posições subalternas, pois a capacidade física é adequada aos trabalhos pesados, o físico é resistente para ações que requer força, sexo e mão de obra, assim vistos sem inteligência intelectual. Sendo a negra na posição de “gostosa”, ignorante e inadequada para relacionamento afetivo, ou seja é a mulher que adequa somente para relações sexuais, a mulher que satisfaz os desejos do homem branco.

Nkala respirou fundo e começou a dançar, como dançava em sua aldeia, onde as danças, os cantos e os ritos eram inseparáveis, um contínuo movimento de ligação com a ancestralidade. O homem riu alto com deboche salivando muito, enquanto cobiçava o seu corpo nu ali exposto. Fez questão de dizer a todos que essa escrava não venderia, seria seu animal de estimação! Para os seus serviços exclusivos até que estivesse bem gasta, ocasião em que acharia algum comprador. Ora, seria o seu bônus, um justo merecimento por tanto trabalho com esses desgraçados! (SOBRAL, 2016, p.33)

Como aponta a narrativa da história de Nkala, no decorrer do texto as cenas de desumanização, exploração, subalternidade e poder sobre o corpo feminino negro vai acentuando escancaradamente e causando repulsa. O comprador de pessoas fez questão de afirmar que a garota seria seu “bicho” preferido, a usaria para desejos pessoais, a menina seria seu produto sexual a ser usado quando sentisse vontade e só a descartaria quando estivesse arruinada, sem valor algum. Todos os atos de estupro contra Nkala seria por merecimento do estuprador, pois os prisioneiros deram muito trabalho, a fala condiz soberania do branco que julga ser melhor pela cor da pele. O poderio sobre corpo negro de acordo com Carneiro, (2022) constitui a história colonial brasileira, mas que os traços penduram até os dias de hoje, mudando somente os fatores, isto é, as ações não são de colonizadores europeus brancos, mas do social que acarreta raízes racista. A mulher preta vista como instrumento de prazer apresentado ao mundo, seja na forma de marketing ou por letras musicais. Nos assédios por

onde andar ou por meio de exclusão afetiva em que a mulher preta não é digna de ser assumida como esposa ou namorada.

No trecho "O traficante de almas procurou nas camadas do ódio mais profundo outras forças, como quem pretende domar um animal animado por estranho prazer e pelo desafio do macho diante da fêmea indefesa." (SOBRAL, 2016, p.34), o narrador mostra a desumanização do corpo preto. A conduta do ladrão de seres humanos é de tremendo furor, ao chicotear com tanta fúria um corpo indefeso, exclusivamente buscava honra, pois jamais seria desonrado por uma mulher e preta. A narradora evidencia racismo bárbaro, a violência e o machismo. A bravura de Nkla ao enfrentar o traficante de gente exhibe resistência negra, mesmo com dor e o corpo coberto de sangue não desistiria da liberdade. "Observando o seu movimento de resistência, os outros companheiros também começaram a bater os pés no chão a gritar como podiam, a cantar." (SOBRAL, 2016, p.34), essa passagem representa a força e persistência da comunidade africana por independência, espaço e igualdade. Os amigos da princesa africana asseguraram que ela não estava só e que juntos resistiriam em nome do seu povo.

No trecho seguinte Cristiane retoma na mesma tecla a presença da construção do machismo, construção essa gira em torno da raça. "Luta desigual. Tantos homens e uma única mulher vítima do espancamento coletivo." (SOBRAL, 2016, p.35). A monstruosidade dos portugueses era tamanha que não importava a estrutura corporal feminina, o ódio superava qualquer sentimento de compaixão, uma vez que vidas pretas não importavam

“Nkala não estava só quando as chibatadas insanas rasgaram sua pele até os órgãos e ossos, repetidamente, repetidamente, dilacerando definitivamente o seu corpo físico. Liberta da matéria foi acolhida pelos seus ancestrais rumo a Ruanda, o paraíso da liberdade perdida.” (CABRAL, 2016, p.35).

Os dias os amargos e de tortura chegam ao fim, a personagem de representatividade preta teve a vida dilacerada, seu corpo foi desfigurado por mãos brancas, sua vida foi tirada e sua única “culpa” era ser preta. Nkala partiu para o mundo dos mortos que tiveram o mesmo destino que o dela, a escravidão em vida e assassinados por homens europeus.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o processo do colonialismo europeu tem total influência na prática social contemporânea brasileira, tanto na formação política e cultural. O Brasil é o país da mestiçagem, pretos, indígenas e brancos, país democrático com constituição e leis, mas que ainda faz presente a cultura que menospreza pela cor da pele, o social que qualifica profissão e caráter pelo sexo e cor. A cultura brasileira que predomina o racismo é sórdida, contudo é o motivo da desigualdade social, pobreza e discriminações raciais. Racismo estrutural que se faz presente no mecanismo do estado afeta vidas pretas em diversos fatores, seja na educação, seja nas relações afetivas, seja profissionalmente, seja na saúde, enfim está enraizado nas falas, olhares, mortes e hábitos corriqueiros dos brancos que julgam ser algo normal.

O corpo feminino negro ainda segue sendo hiper sexualizado com interpretação de que é a boa de cama, a mulher que satisfaz sexualmente o homem branco, porém não passa disso, já que a mulher preta atual carece de solidão afetiva, visto que não está dentro dos padrões impostos durante a constituição cultural dos séculos passados, tido como modelo as damas brancas ( europeias) portanto mulher preta representa lugar de inferioridade, mão de obra barata, classe majoritária e padrões contrário a sociedade patriarcal.

A literatura e a arte seguem sendo a fonte de denúncias da realidade racista, machista e sexista que é o Brasil. “E a linguagem é, sem dúvida, um dos fatores instituintes da diferença cultural no texto literário.” ( DUARTE, 2008.p.13). Os textos literários é uma das formas para conscientizar os leitores de crimes étnicos raciais e deve ser inserido na educação escolar do país.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/> acessado em 18 de agosto de 2022.

DUARTE, Eduardo. **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. Estudos de literatura contemporânea brasileira, nº 31.** Brasília. 2008. p.11-23.

RACISMO, Estrutural. **Consultor jurídico.** Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-nov-20/dia-consciencia-negra-busca-representatividade-justca> acessado em 10 junho de 2022.

RIBEIRO, Ana. **Racismo e escravidão no Brasil do século XIX: entre diários, literatura e arte.** Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=1723fad1c93e5c6c> acessado em 18 de agosto de 2022.

RIBEIRO, Fernando Bessa; SACRAMENTO, Octávio. **Trópicos sensuais: a construção do Brasil como geografia desejada.** nº 10, p.215-232, 2013.

SOBRAL, Cristiane. **O tapete voador; Nkala: um relato de bravura.** Editora: Malê. 2016.